

PURIFICAÇÕES

MÁRCIO CATUNDA



editora cátedra

UM POETA A LUZ DAS ESTRELAS

Cláudio Lins

O horóscopo de Márcio Catunda apresenta sinais de vocação literária e sugere a possibilidade de desafios pessoais inerentes a todo artista.

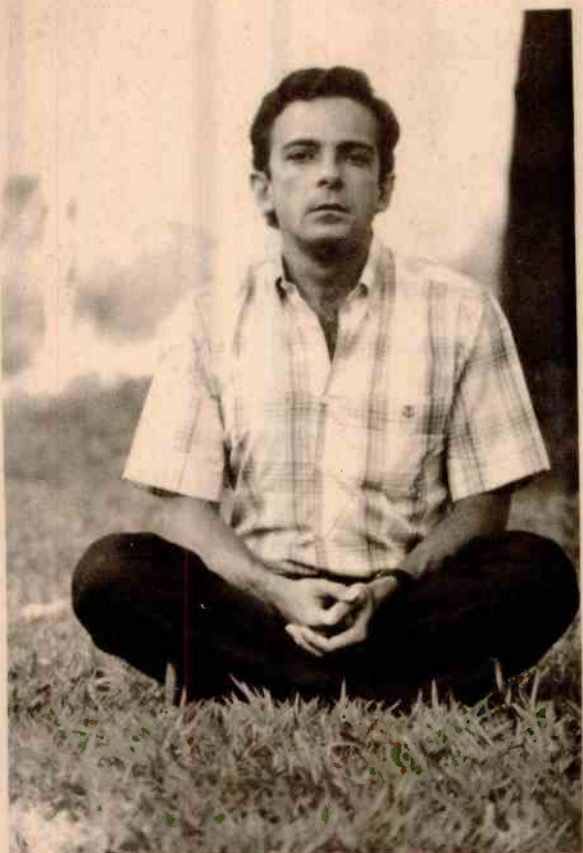
A casa III, da comunicação e da literatura, encontra-se fortemente enfatizada, com a presença do Sol e de Mercúrio, este último também indicativo de poderes de comunicação. A imaginação e a inspiração estão simbolizadas pela receptiva Lua em Peixes, em trígono com o inspirador Netuno. O Ascendente também encontra-se em Peixes, índice adicional de grande sensibilidade. Também merecem destaque os aspectos de Mercúrio. Este planeta, quando situado em Touro, simboliza uma mente até certo ponto prática. Mercúrio tem bons aspectos com a Lua e com o Ascendente, fatores determinantes para quem quer expressar emoções, conferindo certo dom para a psicologia e qualidades de comunicação importantes para um escritor. Ademais, Mercúrio também se relaciona harmoniosamente com Marte, o que reforça o seu poder de expressão e dinamismo mental. Como o triângulo Lua/Mercúrio/Marte ocupa o Ascendente, a casa III (comunicação) e a casa IV (criatividade), está bem caracterizada a vocação para a atividade literária.

O Sol em sêxtil com Urano representa uma mente liberal, um ca-

ráter generoso e altruísta, voltado para o novo, com um toque original e uma orientação voltada para a mudança social e a independência pessoal. Tais qualidades são reforçadas pela largueza de visão característica de um trigono de Lua a Netuno. São índices de criatividade, e favorecem muito o estudo de assuntos religiosos, ocultos ou místicos, bem como sua integração à vida diária. Este interesse deve ser ainda mais acentuado com a presença de Netuno na oitava casa, da morte, da transformação e do ocultismo. Além disto, na casa IX, da religião e da espiritualidade, ou das concepções filosóficas, Márcio tem a Cabeça do Dragão, simbolizando o potencial de suas investidas no sentido da expansão de sua consciência. O trigono de Urano ao Meio-do-Céu reforça estas possibilidades.

Seu horóscopo apresenta, igualmente, elementos de dificuldade, alguns obstáculos e lutas. Contudo, nenhum horóscopo de escritor deixa de apresentar elementos desafiadores, que podem ser limitativos mas podem, também, representar aquela vivência que é a fonte de toda obra criadora.

Para Márcio Catunda, como para qualquer artista com ambições legítimas, a questão estará em aproveitar seu inegável potencial para extrair de experiências difíceis aquele sentido maior, comum a toda a humanidade, e assim conseguir, através da arte, libertação para si mesmo e para os seus leitores.



Eu sinto em mim a força do universo
e posso voar além de mim.
Além dos limites da matéria, acima das nuvens

.....

Eu sou o espaço inteiro, a eternidade toda,
a infinita fruição de tempo sem tempo.
Estou em todos os domínios ilimitados e invisíveis
E me transporto nas rotações siderais
no fogo cósmico das esferas,
na música dos oceanos de luz
na origem das eras e dos mundos até a eternidade.

Ao amigo Nélto Maciel,
oferta muito afetuosa
do seu admirador
Aurício

PURIFICAÇÕES

Buenos Aires 25-10-88

MÁRCIO CATUNDA

PURIFICAÇÕES

LIVRARIA EDITORA CÁTEDRA

Rio de Janeiro

1987

Copyright © by MÁRCIO CATUNDA

Capa:

LUIZ FALCÃO

Direitos desta edição reservados à
Livraria Editora Cátedra Ltda.
Rua Senador Dantas, 20, s/806
20031 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: 220-0858

1987

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Dedicatória ao mestre	11
Aparição lunar	12
Aspiração	13
Santuários	14
Peregrinações	16
Harmonia	17
Alegria	18
Profecia	19
Senda de luz	20
Satyagraha	21
Imortalidade	22
Poemas devocionais	23
Refrigérios da tarde	26
Nova Gokula	27
Manhã	27
Tao	30
Crepuscular	31
Intuições do Oriente	32
Serenidade	34
Romantismo	34
Paisagem	36
Aforismos	37
Cavernas de luz	38
Poemas estóicos	40
Cantiga	43
Jornal	44

Autodefinição	45
Esperança	46
Pastora de nuvens: Cecília Meireles	47
Instante na Rua das Laranjeiras	48
Peregrinação à Rua Lopes Chaves	49
Plenitude	51
Cantiga	52
Pôr do sol na Praia de Iracema	53
Praia do Futuro	55
Noturno da beira-mar	56
Pôr do sol no Mucuripe	58
Noturno da Aldeota	59
As verdes encantações	60
Definição do amigo	62
Idílio	63
Itinerário romântico	64
O teu sorriso	65
Écloga	66
Paisagem de sol	67
Jardim das águas	68
Cântico	69
Convite transcendental	70
Flutuações no oceano noturno de Antero	72
Revolução	74
Hinos pela igualdade	76
Perspectiva matinal	78
Herança	79
Ficções	81
Hebdomadário de penitências	82
Labirinto	84
O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO	85
O mar	87
Passeio bucólico	88
Meio-dia	89
O vento	90
O sol pleno de vida	91
O sol	92
Oceano de pureza	93
Crepúsculo	94

Assim seja	95
O anjo lunar	96
Aprendendo a viver	97
Meditação	98
O jardim dos encantos	99
Determinação	100
O imperecível	101
O inverno	102
O eremita	103
Êxodo	105
Inspiração	106
Noturno do Rio de Janeiro	107
Profissão-de-fé	108
Brasília	109
Vida	110
Devoção	111
Noite	112
Tempo	113
1.º de Maio	114
Ave	115
Estrela	116
Princesa	117
Canto em forma de oração	118
O exemplo da pedra	119
Fraternidade	120
Anunciação	121
Natureza	122
Energia universal	123

Heureux celui qui a acquis le trésor de la pensée divine
Empedocles

A carne confusa das lânguidas rosas começa
a fremir, se com um grito o diamante
fende um sulco em toda a imensa fábula
Paul Valéry

DEDICATÓRIA AO MESTRE *

Ao pastor e grande mestre cuja doutrina é luz,
vassalo do Rei da Ciência,
ao que distribui o poder do amor,
amigo de todas as horas,
o que me ensina a vigiar os pensamentos,
espelho de retidão,
sempre alerta no caminho da firmeza,
ao revelar ao mundo o brilho da sua certeza,
orientador dos rebanhos da humanidade.
Por sua estrela que ilumina e norteia o mundo,
pela pureza dos seus ensinamentos,
pela paz e pela guarnição com que a exemplo do Divino Mestre
[Jesus
ensina eternamente a religião que unirá os homens,
com todo o meu ser entregue às suas mãos benevolentes,
minha existência feita uma oferenda de serviço ao sagrado
[trabalho
a gratidão de amor fraterno ao receber de sua fonte
a Luz, a Paz e o Amor.

* Mestre José Gabriel da Costa.

APARIÇÃO LUNAR

Vou seguindo a trilha deste brilho encantado.
Evanescente luz diluída na memória eterna.
Bebo com a pele a clarifulgência:
este alvorecer no firmamento,
néctar cristalino e glacial
fluidificado.
Sob os auspícios do fósforo de luminosa neve,
os vegetais repousam
e a vida pulsa na superfície da terra.

ASPIRAÇÃO

A matéria se dissolve em poeira
a vida renasce em novos corpos.

— Eu quero o imutável.

A folha tomba crestada de outonos,
os animais envelhecemos.

— Eu quero o imperecível.

Até o vento se altera na fúria das tempestades.

Até o mar se rebela em hórridas convulsões.

— Eu quero o imperturbável.

SANTUÁRIOS

I

Calma noturna e céu de santuários,
Constelações fosforescentes,
Visões do espaço filtrado em lumes:
no zênite há conjunções astrais regendo a vida,
na amplidão.
fixas rutilâncias.
Silêncio velado em altas culminâncias,
silêncio vivo em altas culminâncias.
Miríades tranqüilas assistem o tempo:
desvelos serenos.
Murmuram silentes os habitantes da noite.

II

Um vento cheio de encantos
está soprando na noite
e as plantas falam comigo
acenando a folhagem.
Gosto da noite com seus mistérios e sombras.
Fascinado pela magnificência de Órion, trapézio constelado,
a fulgurante seta de Cupido me tem cativo.
Éo'o espalha seus missionários,
as nuvens se dissipam abrindo o pátio impávido.
Revela-se a refulgência das maravilhas.
Acendem-se os archotes veneráveis,
Atmosfera de pureza.

III

Os universos estão diante de mim,
claros, brilhantes,
irradiam fulgor na luz do vento:
esmeraldas, rubis e safiras
feitos só de essência.

A noite é uma festa
e os astros resplendem
no alto espelho
da atmosfera espiritual.

PEREGRINAÇÕES

Quero conhecer o reino do silêncio
estou farto da brutalidade humana.
Venho buscar refúgio na paz das árvores,
junto às flores dos canteiros de Deus.
Venho ouvir o canto das aves
e as cigarras em festa.
Os bem-te-vis estão líricos,
nos aromas florais que o ar espalha
a tarde sorri no afável gesto das folhas.
Estou farto da ferocidade humana,
venho beber silêncio na taça da tranqüilidade.
Nas vastidões nevoentas de Deus
onde a miséria não flagela nem aflige a angústia,
venho beber a ternura das flores,
venho buscar a ventura dos enlevos
e a liberdade das alegres melodias.
No esplendor da clara pureza
a vida acende luminosos horizontes,
venho ofertar-me ao vento sob o céu do porvir.

HARMONIA

Já não ando em planícies vazias.
Afastei de mim todos os anátemas.
O ludíbrio já não escarnece dos meus ideais.
Agora caminho pelas nascentes regozijado,
andando entre flores nos quintais do encanto.
Amanheceu cristais de sonho nos clarões dos astros,
compassivo enlevo acariciando a vida.
Ando sorrindo nas estâncias transparentes,
as esperanças chegam todas entre afagos
de beleza e paz.
Minha vida ganhou este acalanto,
já não escureço nas trevas da agonia.
Agora contemplo os mansos estuários,
os tabernáculos, os córregos de júbilo,
as suavizações.
Agora a felicidade me acompanha
em revoada, ciranda de êxtase.

ALEGRIA

Minha fortaleza e guarnição vêm da confiança em ti.
Nenhum mal reside à tua redenção.

Ando em novidade de vida,
tranquilo na convicção dos teus desígnios.

Contigo estou livre dos pecados
e caminho pelos jardins ensolarados
serenamente.

Estou feliz pelas primícias do Espírito
porque tua mão sagrada pousaste no meu ombro
e teu olhar apontou-me o caminho da Verdade, da Luz, da Vida.
Estou feliz porque adoro a Paz do teu Semblante.

PROFECIA

Chegará o dia em que os opressores cairão cativos,
a brutalidade apagada na poeira,
a vaidade esfacelada,
quando o arcanjo romper as muralhas.
A sede de liberdade será saciada,
os justos, libertos, na fonte da imortalidade.
Chegará o dia em que amor e harmonia
suavizarão a fronte dos humilhados.
A mendicância extinta do mundo,
a infâmia anulada,
os bens divididos sem agressão.
Chegará a hora da fraternidade,
o tempo da paz.
O Novo Messias, Espírito de Verdade,
já vem trazendo a redenção.
Entre nuvens e névoas,
já vem o peregrino da paz
erguendo o estandarte das divinas leis.
O novo século unirá as mãos crispadas,
É tempo de justiça com amor.

SEDA DE LUZ

Toda miséria é o caminho da libertação.
O abismo conduz à claridade.
O sol invade o mundo e preenche a terra e o céu.
Haverá paz e plenitude nas almas.
O Bem — supremo ideal de amor,
esplenderá em primaveras
e o homem caminhará livre,
venturosamente.

SATYAGRAHA

Vivo irmanado às criaturas
e ando a contemplar o instante.
Respiro as flores da serenidade.
Calmo, pacífico, confiante em Deus.
O Mestre me inspira a aceitar a cruz da purificação.
Simples, livre, lucidamente
a vida flui até à plenitude.

IMORTALIDADE

Eu sinto em mim a força do universo
e posso voar além de mim.
Além dos limites da matéria, acima das nuvens
no fluido puro das correntes do ar.
Eu sinto que sou as nuvens, a água, a terra,
as árvores e o vento.
Porque sou vasto como o som
e viajo nas asas das cores pelo céu íntimo.
Sinto a leveza lúcida dos litorais de hidrogênio,
sinto o júbilo dos mares da ventura
e posso expandir o pensamento no azul translúcido,
livre, acima dos limites da altura,
onde tudo é luz, eflúvio, êxtase,
evasões de gelo vaporoso
dissolvido na imensidão das dimensões.
Posso girar nas elipses dos séculos
entre arcanjos e nebulosas
no âmbito de Deus.
Eu sou o espaço inteiro, a eternidade toda,
a infinita fruição de tempo sem tempo.
Estou em todos os domínios ilimitados e invisíveis
e me transporto nas rotações siderais
no fogo cósmico das esferas,
na música dos oceanos de luz
na origem das eras e dos mundos até à eternidade.

POEMAS DEVOCIONAIS

I

Krishna, eu vagava perdido e tu me laçaste
com as guirlandas de flores do teu templo.
E minha ansiedade se desvaneceu.
Agora vou despertar desta ilusão dos meus sentidos
e cantarei as tuas glórias.
As rosas exalam
a fragrância da tua beleza
ungida de sublimidade.
Conhecerei prazer transcendental e eterno
porque a devoção floresceu em mim
como os universos de tua respiração.

II

Peias manhãs de frio e nostalgia
tu me dás ânimo.
És o sol em mim.
Nas tardes de abandono e saudade
Tu me equilibras.
És a saúde em mim.
Nas noites de desespero e precipícios
tu me apascentas a fúria.
És o amor em mim.
Na minha vida de martírios
tu me consolas com calma.
Ainda que eu sofra terrivelmente,

que eu não sofra o atroz suplício de distanciar-me de ti.
És a claridade, eternamente a inspiração em mim.
Quero estar a teu lado por todos os séculos.
Assim seja.

III

Jesus, eis aqui o teu servo,
faz de mim o que quiseres
mas continua a iluminar-me para que eu seja
fiel e justo.
Se a violência do ódio me atacar,
que eu haja com a pureza da paciência.
Se o martírio do tormento me quizer confundir,
que eu aprenda a provar a certeza do meu amor.
Se o orgulho me tentar com suas tramas
que eu permaneça com a firmeza dos humildes.
Se o medo de sofrer ameaçar minha calma
que eu saiba confiar em tua verdade
serena e triunfante.
Senhor, se eu merecer,
faz de mim um servo do teu amor,
faz de mim o que quiseres.

IV

O destino depende de mim
e a virtude é inatacável.
Ao fim da luta vencerei,
o sacrifício resultará em conquista,
a vitória vem da convicção.
Se conheço a fonte do poder,
se estou disposto a triunfar,
não há descrença em mim.
Só me interessa o caminho da santidade.

V

Eu quero a velocidade calma da concentração.
Quero a impecabilidade, a destreza,
o aprumo dos gestos exatos:

nenhum desperdício — o poder sublimado
e a paz iluminadora.
Quero a determinação da força redentora,
o conhecimento inabalável.
O mestre santo ensinará essas virtudes
ao seu discípulo fiel.

VI

Preciso de todas as virtudes agora:
paciência, resignação, renúncia, humildade.
Necessito do teu conforto nesta hora,
do teu alívio quando a tristeza ronda minha cela,
e na frieza deste catre entre paredes
tua presença é minha salvação.
Preciso sentir a todos os seres como irmãos.

VII

Já não sou dono de mim,
já todo me pertence a ti.
Quero apenas o que queres
e minha vida é para servir-te.
Nada mais me interessa:
só a satisfação do que determinares.
Mas dá-me discernimento e força
para cumprir minha missão.

VIII

Por onde eu andar
o teu amor iluminará os meus passos,
tudo quanto eu falar
será a verdade manifestada através de mim.
Mas dá-me humildade, Senhor,
para que eu seja digno de tua companhia.

REFRIGÉRIOS DA TARDE

A Domingos Carvalho da Silva

Fogos frios de bruma dissipada
sussurram serenos sons aéreos,
vertem opala, anil, âmbar,
nos áureos ventos fugitivos.
Viração nos verdes sargaços das folhas.
Aragem de tardio azul na hora suave.
Relva em repouso, brisa deslizando,
vagando, girando o moinho do tempo,
a pira florescente de silêncios
no cerrado que o sol doura de bênçãos.
Poente de calma outonal, como um véu
de fúlgidos filamentos aromáticos,
vasciantes, alvejando os longes.
Andança de arco-íris diáfano.
Estâncias de ar no sorriso pastoril
dos aquedutos solares.
Regatos de lumes, águas clorofiladas
marulham clara chama nos campanários.
Nebulosa estação tecida em vapores lustrais,
círculos de altura, agrestes cântaros em revoada.

NOVA GOKULA

Ao Maharaja Purushatraya Swami

Nos verdes aromas da vegetação
calma referta de prana extático.
A luz dardeja brandamente
esplêndido clarão nas encostas de veludo.
E nos vales reffloridos de lírios
silêncio de védica sinfonia...
Auspiciosos bosques louvados pelos cantares da floresta.
Seara de flores e frutas silvestres.
A sagrada fortuna que a natureza offerenda
é uma dádiva da misericórdia sem causa
de Sri Krishna.
Atmosfera campestre de purificações.
Harmonia murmurante dos régatos:
água candente, festa de consagrações.
Nova Gokula — jardim encantado.
rosal circundado de florações perfumadas,
recanto de paz devocional.
Guapuruvus, aroeiras, espatódias,
mangueiras, eucaliptos,
as árvores estão vibrando de mágica regulência.
Remanso de serenidade nas alcantilações da Mantiqueira.
A cascata jorra delírios de regozijos,
as flores sorrindo dançam de bem-aventurança:
lótus azuis e róseos no lago.
Este universo de beleza foi criado
pelo pensamento transcendental de Sri Krishna.

Alegres e sublimes os seres o glorificam,
os deleites das correntes de ar e água,
as colinas, os prados, as fontes, os vales pastorais
são bênçãos de sua bondade e motivos de adoração.
Torrentes de safira no azul,
tranqüila magnificência, refrigérios,
cores místicas, claridade celestial:
a pureza deste monastério é uma dádiva,
uma fortuna da Suprema Personalidade de Deus.

MANHÃ

Manhã de vapor líquido pelos arredores de Brasília

Estou monasticamente batizado de chuva e frio.

Manhã de sábado em face das árvores e dos edifícios
sob um céu de chumbo.

Horizonte além dos blocos e do cerrado.

Nos quadriláteros, a verde grama

e as acácias que esvoaçam pétalas amarelas.

Úmida melancolia, nervosismo de carros em tumulto.

Chuva lírica nos nevoentos arredores da cidade.

TAO

O caminho de luz
é o instante puro:
estou leve, levitando a voar,
na plataforma do ar.

CREPUSCULAR

Hora mágica em que a natureza indefinida
cogita sobre a metamorfose do instante.
Não é noite nem dia
e as árvores participam desta indecisão
— orvalho refrescando a folhagem.
É a transmutação do tempo,
enternecimento no remanso de sombras.
Dois minutos e a noite vence o dia,
o tempo é outro mas o dia resiste ao vapor que esvoaça
toldando a limpidez de uma camada turva e densa.
A tarde mudou dentro do instante,
pomares, bosques, canteiros devaneiam sob o cortejo
que transporta sonolento
um manto de vespertina dissonância.
Filigranas, revoadas, cirandas, espelhos diáfanos,
glaciais alacridades pairam no promontório luminoso,
a floração fascinante das nuvens se evade.
Anoitece.

INTUIÇÕES DO ORIENTE

Ao cair da tarde
sopra o vento do infinito
nas cores da eternidade

* * *

A rosa da montanha
está sonhando
com a primavera do céu

• • •

Avião que cortas o esplendor glacial
da tarde úmida,
me leva para a praia do meu futuro.

• • •

À serena sombra
da plumagem dos ciprestes
descanso em silêncio.

• • •

Guardado no abrigo da ânsia
descobri uma fonte

* * *

A luz vista de dentro da luz
gira em torno de si
refletida no espelho circular

* * *

Estou vencendo a terrível batalha contra mim mesmo.
Estou conquistando a paz.
Não estou só:
Os anjos do bem me amparam no suplício.

* * *

O tempo leva a noite dos martírios
e traz auroras de esperança.

* * *

Na solidão
posso caminhar
estou livre.

SERENIDADE

Silêncio: o fogo do destino jorra nas cadeias da esperança.
O Rei Puro está no ádito do mosteiro.

Respira o ar perfumado da tarde,
ouve o rumor que vem da cidade,
repousa na companhia do arvoredor.

Sentado à sombra dos pinheirais,
no aconchego da hora, apascenta o olhar serenamente
pela folhagem de sedosos mantos:
as copas das árvores apontam para as altitudes serenas,
o vento plange o som do mar.

Hora mansa de suavidade nas eclusas do tempo,
o verde filtra a luz sôlar:

Vasudeva, onipenetrante, é pureza,
êxtase de tranqüilidade inundando os recantos.

ROMANTISMO

Semeando ternuras,
fiz do teu leito o meu altar de sonhos
e te adorei.

PAISAGEM

Recanto de verdes excelências,
várzea verde derramada na esplêndida planície.
E além da plenitude das montanhas
o mar se espraia extaticamente azul,
O verde atrativo vertido sobre o chão,
o azul místico inundando de quietude o claro dia.
Verde-azul. Magnificência colorida.
Verde-azul. Alcandorado de gorjeios.
Verde-azul exuberante na amplitude do tempo.
Verde-azul vertiginosamente luz
no espaço da vida.

AFORISMOS

O único espaço existente é o interior,

O único lugar visível, o agora.

O único tempo disponível é já.

A conquista é a calma.

Todos os caminhos conduzem ao Eu.

Todos os momentos irradiam sensações.

Tudo pode ser perfeito onde existir harmonia:

A concentração é a barca que atravessa o rio das selvas.

CAVERNAS DE LUZ

Salvação! Áurea paz nos escampos luzentes.
Eu sigo para as ilhas afortunadas
na influência dos signos, rumo às catedrais dos altos ventos.
As ânforas dos nubes acendem lumes
refluxo das ondas em trasmutações
nos gelados reinos.
Além das plagas verdes sobre o verde universo,
alcantilados outeiros onde transluz a primavera.
Véspera da noite dos lenitivos
difusos alentos venturosos vertem sempiternos afagos,
o hemisfério das hespérides é sublimidade.
Estou voando no arco-íris,
em simetrias suaves onde argênteas flores,
naiades se refrigeram silvando mistérios nos abismos da altura.
Venero o interlúnio do arrebol.
Amanhece orvalho, girassóis a esmo,
dançam celestes vapores alados,
renascem anelos de plenitude
esvoaçando fontes estivais.
Deflagra-se o transbordamento,
ressurreição de cada instante
a cantar a eternidade — a existência das flores.
Duendes vagarosos resvalam nos gramados úmidos,
cinza e gelada chuva chora nos cumes de aljôfar,
anoitecendo as copas dos vegetais.
Vaza nos mantos de sombras o magnetismo superior dos **astros**
e todo o infinito flui em ondas cósmicas,
lenta e ampla deflagração das nuvens.

Mônadas, arquétipos, átomos emitindo impulsos expansivos
ressoam vertendo chamas!

Salvação! Ressurreição!

O ritmo das miríades corporificadas

vibra em seus núcleos,

formas plasmadas no caos,

revoadas, aragens de aventura nos penedos,

alabastro nos fulgores nos prados,

arcanos de translúcido, tranqüilo véu,

diamantes, dunas alcandoradas na estação das flores.

No perpassar do celeste aroma

flutua o pensamento de Deus.

Ondulações, transmutações,

o zéfiro cintilando em neve de cristal,

promontórios de garoa filtrada ecoam

pelos vácuos de luz em infinitas esferas,

espelhos fervilhantes.

Estou voando ao cimo do leste,

lívido e predestinado no herbário das esfinges:

córregos de arestas insondáveis fluindo

vidências de alegria nos prenúncios.

Ressuscito nas torres de névoa,

em canteiros molhando os ermos remansos.

Litoral...

Transfigurado e transido de sensações,

o vento azulou os capinzais da dinastia.

Éden de vibrações difusas,

elipses polarizadas plasmam prismas de constelações,

o hipotálamo receptor de vórtices astrais

sob a cruz da imortalidade.

Estou sereno e íntimo neste santuário de etérea substância.

O influxo das forças vitais, aura magnética

alenta a glória lunar.

Gramados verdes de encantos, acalantos, ancestral silêncio.

Cerração além dos rochedos e atmosfera de ar molhado.

Bebo em êxtase os fluidos do tempo.

POEMAS ESTÓICOS

I

Querem te tornar um rato,
um trapo, um bagaço, um palhaço,
um sapo, a sombra de um traço,
um maluco pacato,
caçar-te no mato, prender-te num laço,
lançar-te em pedaços nos espaços.
Querem te reduzir a pó,
estrangular-te com um nó,
com uma pedra no pescoço te jogar num poço,
roto no alvoroço
te deixar só osso,
calado no calabouço,
tirar teu couro, te fustigar feito touro,
te esmagar feito besouro,
arrancar teu caso, te escarrar com asco,
entregar-te ao carrasco.
Querem tornar-te um fiapo,
farrapo, cobaia da gestapo,
num buraco, te entregar ao bando
nefando
te deixar miserando,
como um troço, destroço,
refugo de um verdugo,
ao jugo de torcionários,
saqueado por falsários
gemendo em calvários.

Te deitar num esquite,
te retalhar que nem bife no prato de um patife,
te cortar de navalha
trucidar-te na batalha
palha em fogo de archote
sob o chicote
em masmorras
querem que morras currado em Gomorras,
furado pelos furores dos algozes ferozes
querem que bebas doses atrozes.
Mas quanto mais te humilham cretinos, carontes,
devassos, fascistas,
mais te brilham horizontes, destinos, fontes,
trilham teus passos novas conquistas
pistas, pontes, hinos divinos cantas
e avanças e não cansas das andanças em que te lanças,
erguida a frente em que conduzes
as cruces das esperanças
e nas urzes, nas mansas luzes
entoas acalantos santos.
Quanto mais preso, mais aceso o fulgor do teu amor,
mais senhor de ti mesmo,
mais voas, mais te doas ao esplendor,
mais coeso despertas e te libertas
das armadilhas do opressor.
Te maravilhas nas ilhas em que brilhas
ciente da claridade
segues em frente, na realidade transcendente
suavemente ao sol que propicia a serenidade
que nasce cada dia — farol de liberdade,
passe de magia em que a bondade acaricia a face da eternidade.
E viajas em naves de harmonia, ave de alegria,
tua chave de alquimia abre as portas da verdade.

II

Se te conspurcam farsas e violentam-te desgraças,
se a infâmia do escárnio ameaça-te,
se te atormentam com insolências os tiranos,
se fremente o suplício do ódio a ferver;
— pelo sacrifício da paciência

com gestos humanos,
conquista-lhes o poder.
Se o feitor de chicote na mão
esbraveja opressão,
se diante do cadafalso no teu encalço
investe com furor o inquisidor,
mostra-lhe o que é a virtude,
conserva a serenidade,
prova-lhe que nada te ilude,
derrota a vaidade, aproxima-te da verdade.
Que a segurança não te faleça
e cada agressão te fortaleça.
Se rosnam cachorros furiosos,
se te perseguem os invejosos
estalando chicotes e armando botes,
se te apontam agulhões
ganindo vociferações,
permanece com a tranqüilidade
de quem conhece a eternidade.

CANTIGA

Pra que eu seja o que tu és
e de ti tenha o que espero,
em tuas mãos e aos teus pés
querer-te é tudo o que quero.

Pra que eu seja o que desejas
e o que tu esperas de mim,
da maneira que me vejas
dou-me a ti, sou sempre assim.

Quando encherei o vazio
desse tempo tormentoso?
Como o mar espera o rio
guardas em ti meu repouso?

Na tua luz eu já me vi
unido ao teu ser sem fim.
Eu sei que viver sem ti
é igual a viver sem mim.

JORNAL

No fim do ano internacional da paz
num só dia (24 de dezembro)
morreram 41 mil e 500 combatentes no canal al Arab.

AUTODEFINIÇÃO

Eu sou aquele que ama o vento e adora as estrelas.
Eu sou o que canta e se liberta do mundo.

ESPERANÇA

Eu vencerei as duras provações,
saberei retirar libações puras
do fundo do oceano de veneno.
Conquistarei a taça dos heróis.

PASTORA DE NUVENS: CECÍLIA MEIRELES

A pastora de nuvens sonha a distância do paraíso,
aura clara de suave exílio,
navega no vento, encantada pela eternidade do luar.
O aroma dos campos é deserta solidão e música,
plange carícias fluidas, leves, irreais.
Miragem, cintilação, a vida fica transida de alumbramentos.
A pastora passeia na alameda em verdes planícies.
Silêncio! a hora espalha ternuras e ela está perplexa,
sobressaltada e cisma em vagares pensativos.
Vislumbra os reinos das tardes glaciais,
fita o arvoredor, suspira ante os vergéis de claridade.
Mistério é a voz do mar noturno
e a doce luz das estrelas.
Seu rosto se volta para o silêncio e seu olhar compassivo
desperta inefável nos meus intranquilos itinerários.
Há um espelho constelado de alvoradas nos seus sonhos,
uma dádiva floriu as vertentes,
o incenso das nuvens escreveu transparências nas fontes,
contemplo as cores do estuário em que Cecília caminhava,
meditando na lua mansa e nos ermos,
compreendendo as visões do planeta de venturas.
Escuto o vento das torrentes e vou colhendo a brisa,
respirando alegremente as rosas de luz:
a pastora de nuvens ensinou-me a voar nas estâncias aéreas.

INSTANTE NA RUA DAS LARANJEIRAS

A Adriano Espínola

Este momento é muito feliz
porque a tarde está nublada
e a cidade se abriu em tumultos festivos.
A tarde é lírica e fria no Rio de Janeiro,
tarde estranhamente encantada
como as horas imemoriais da infância.
Pela rua os motores precipitados
em ruídos na confusão.
Mas além da cúpula dos prédios pardacentos,
no ar a hora fascinantemente um não-sei-que de insondável
que faz a hora fascinantemente romântica.
Este belo momento, puro de plenitudes visuais,
(embora só eu o esteja a observar)
é claro devaneio azul:
úmida dissipação no ar
sob a forma de suaves carícias do vento na pele.
Este momento é feliz e belo
e eu o recordarei como recordo os tempos imemoriais.

PEREGRINAÇÃO À RUA LOPES CHAVES

Para Antônio Sarubbi

“São Paulo! comoção de minha vida.
Galicismo a berrar nos desertos da América!”

Mário de Andrade

Cruzamos viadutos, plataformas subterrâneas,
muros de jardins e gradarias,
a cidade erguida no transe de altas torres,
desenhada na largueza de ásperos asfaltos
com gigantescas lajes de âmbar multiplicadas
no estirão das avenidas,
barreiras retangulares envidraçadas,
Estação Paraíso.
Peregrinamos aos sete templos
no clarão dos bairros alastrados na tarde tépida.
Saúde. Praça da Árvore. Vila Mariana.
Vamos à mansarda do hierofante Mário,
vamos empós da terra pura
deslizando pelas alamedas da Consolação.
Ao rugir veloz dos automóveis
estrídulos, bulício comercial no tumulto das turbas.
Andarilhamos ao vento de abril
por entre escadarias, ninfas de pele de mandioca
e pêlo de graúna, praças fervilhantes,
ladeiras, calçadas de ladrilhos, lojas, vitrines,
tabacarias, prédios de colunas e mármore ebúrneos,

Liberdade: o Japão em miniatura.
rua dos estudantes, o Martinelli, céu baço de vapores,
motores raivosos rangindo na expansão,
brisa soprando amenidades,
Suavizações entre barulhos e brancas edificações.
A cidade estendida no estendal dos logradouros,
palácios e catedrais, relíquias de São Bento,
monumentos (hoje casas de comércio)
Ladeira da memória, camelôs, penitentes, gente fervilhando
em meio aos paredões de concreto estigmatizados de fuligem.
Ampla aturdimento transita em afolivo,
respirando em desregramento triunfal, industrialmente
as multidões arrebanhadas no vale do Anhangabaú.
Sobrados cinzentos de Barra Funda.
Rua Lopes Chaves, 546.
Nem garoa, nem bondes, nem praias no Tietê.
Na casa antiga apenas
a secreta nostalgia do inquieto sentimento,
o enlevo dos sonhos e sensações de Mário de Andrade,
a ansiosa angústia, a perplexidade na fotografia da sala,
os móveis emanando atmosfera de melancolia e no seu sorriso
[amargo,
o mesmo amor à cidade matizada de tardes tumultuárias,
mas já sem o lirismo de perfumes no ar,
sem garoa — treva cor de cal,
sem o sol colhendo algodão nas margens do Tietê.
Apenas a casa com um piano e as estantes vazias.
Escadas, um misterioso porão, um pátio arejado de
[alacridades.
Mas ainda paira além das cinzentas chaminés,
na mágica resplandescência de um céu indeciso,
o seu coração arlequinal.

São Paulo, 17 de abril de 1987

PLENITUDE

Que é esta fonte clara
cantando no coração?
Que folgado afável luz
afagando a fronte em febre?
Que dádiva, que promessa
clareia as noites e os dias
pelos mares insidiosos?
Clareira, lareira, sol
da fortuna venturosa,
que paz em mim tranqüiliza
o tremor dos sortilégios?
Que harmonia de anjo e sonho
me sorriu em meio às feras?
E esta voz acariciante
por entre os ares glaciais?
Que branca flor suavizante,
que lâmpada embeveciente
me transporta além das sombras
entre prazeres e mágoas
pelos becos do suplício?
Que substância divina
sorvo nos bosques da calma?
São as palavras dos santos,
as relíquias da ternura
que sublimam os martírios
que consagram a pureza,
que salvam do precipício
e me arancam do delírio
me entregando a plenitude.

CANTIGA

Do meu orgulho liberto
tornado o medo em firmeza,
no desespero desperto,
meu horizonte é certeza.
Seguro em meio ao tremor
vou vencendo a iniquidade,
transfigurado de amor
aprendo a felicidade.
O cansaço da procura
vencido na sensatez,
o pranto se faz ventura
a desordem — lucidez.
Entre martírios sangrentos
ferido pelos espinhos,
na calma dos sacramentos
recolho brandos carinhos.
Na paz que a vida procura,
liberto no sacrificio,
voando já ganho altura
sobre a arena do suplício.
Estrela azul da harmonia,
clareia nos temporais.
A noite já se faz dia
nas águas dos litorais.
Aprendo lições de infância
nas descrenças e nos prantos,
invento canções de ânsia,
desencantos e acalantos.

PÔR DO SOL NA PRAIA DE IRACEMA

O lento oscilar das ondas verdes
e o flutuar dos ideogramas das espumas.
Planície verde-azul aquém da curvatura do horizonte,
os veleiros do sonho.
Na alta atmosfera de cimos luminosos,
refrigérios, eflúvios suavizantes
acariciam os coqueiros e as castanholeiras.
O mar percute nos rochedos.
Rua dos Potiguaras:
a vida se nutre de alimentos fluidos.
Rua dos Tabajaras, nas varandas coloniais e nas calçadas
a antiga história da cidade.
Finas camadas que se alçam da terra ao céu,
branda e leve atmosfera,
translúcida tela aérea em cores aladas,
lentos vapores anotecentes.
Na rua Arariús, memória das tradições,
espantalhos de concreto em meio às relíquias:
velas, becos, labirintos sentimentais.
Além do litoral de pedras, areias, muros de quintais
[arborecentes
onde respiram pomares meditativos.
Cristalina fonte desenha fluidas melodias,
vagas vibrações, lumes, irradiações alastradas
nos domínios do arrebol.
Acima das águas a dança magnética dos átomos de luz,
vórtices, fulcros de efervescências que fremem,
tremulam correntes de ar,

cinza-amarelo de róseas tonalidades,
o fervilhar dinâmico da claridade,
cintilações entre o ouro do tempo e as cumulações azuis,
refrescante aragem de aprazíveis sopros,
sonoridades serenas, clarões, lampejos do ocaso.
A Ponte Metálica — mirante encantado.
O Ocidente, estremecido farol da eternidade.

PRAIA DO FUTURO

Voam velozes os véus dos ventos venturosos,
vastos vagos vazos difusos velam
divagando dádivas.
Tórridas torres trêmulas
tingem de azuis rútilos as altitudes,
teias turvas, telas transfusas,
álgidas asas alvas avançam
áureas, altas, aladas se alastram,
lavam lívidas lagoas
levitam lânguidas lassitudes,
idílios, lírios aéreos,
árdegos hautos calmos arejam frescas franjas,
fúlgidos fulgores fogem flanando fluidos,
claras crostas flóreas
brandas brancas brisas
brumas embaladas ondulam
vertentes — o mar é um jardim etéreo,
um milagre evanescente no espaço disperso,
amplos horizontes esvoaçam alvoradas planas de cristal.

NOTURNO DA BEIRA-MAR

Lento e sonoro ritmo das franjas noturnas
a inspirar nostalgia.

Lampadário das fragatas da emoção,
ares divinos de Netuno,

santuário da noite cravejado de pedrarias rutilantes,
noite tépida de canções de devaneio

e as naves fantasmas sob os pântanos astrais;

a lua aclara o mar com seus rastros de clareira fervilhante:

halos cristalinos, efusões de júbilo,

a lua evoca um romantismo de juventude interrompida,

lua gelada, um gosto de solidão.

Todo pasmo sonoro, fragor que confrange o apaixonado cismar:

“Que fiz da minha sorte”, brame o mar chorando angústias.

Oceano, grande irmão dos penitentes,

a gemer entre as pedras corroídas.

Murmura o vento vagando ao sabor dos desalentos.

A burguesia passa alheia ao sentido trágico do sussurro das

[ondas

que monotonamente em rumorosos queixumes

revive o lamento das ilusões perdidas.

Serenai, verdes mares,

ondas que se lançam contra os rochedos,

ondas que evocam melodias da infância, imagens do passado,

lembranças, migalhas que rolaram pela calçada,

travo da noite entornada e um açude de fel rompido

entre as mesas dos bares.

Sinto-me? Existo?

O incenso obscuro sob a égide de Eros...

Estruge o orgasmo de Netuno,
soberbo rebentar indiferente.

Partamos no carro de Elias:

as canções do mar, as canções do mar, as canções do mar...

PÔR DO SOL NO MUCURIPE

Do Mirante Fortaleza se abre em lagos espaços:
a leste o mar suavemente azul.
A oeste soberano o astro se reclina envolto em chamas.
Céu ornado de nuvens translúcidas
— a sucessão cromática dos páramos.
A cidade se estende em coqueiros ilhados de edifícios
e além, os contornos de Uruburetama.
muralha no pélago da imensidade.
Guaramiranga, bloco maciço de cristalizações,
erigido sob a fulguração tórrida.
Maranguape, ondulação imóvel,
perspectiva imaginária na vasta amplitude mágica.
Litoral de oferendas, pavilhões da mineralidade,
o panorama transcendal.
Na superfície da enseada,
áspera arquitetura emerge na geografia do hemisfério,
— retângulos superpostos.
Mucuripe, província de dunas agrestes
e casebres que contrastam com a metrópole que se agiganta.
Mucuripe, portal do Atlântico,
favela, cais e moinhos— templos, pontes,
sendas de acesso à selva urbana.
Os navios — flutuantes seres luminosos,
espreitam de longe o grande sumidouro pontilhado de luzes.

NOTURNO DA ALDEOTA

Silêncio transitório das casas na penumbra,
silêncio partido pelo ranger dos carros.
Sobrados de terraços aconchegantes,
jardins sombrios de velhas árvores:
cajueiros ancestrais...
Rua Barão de Aracati:
quietas esquinas de mansões serenas...
O latido dos cachorros,
o balançar das flores que o vento alisa
e a rua quase deserta.
Rumor de um rádio perdido ao longe,
conversas dispersas nas calçadas.
O aspecto arejado das casas burguesas
e a choupana dos operários do arranha-céu...
(há lixo amontoado próximo ao arcabouço).
Silêncio violentado pelos barulhos das máquinas.
O olhar dos noctívagos é desconfiado como o dos gatos.
Muros manchados pelas máculas do tempo,
sombras e luzes, vozes espalhadas,
sons de canções de rádio,
varandas, paredes brancas, pátios, claras encruzilhadas,
amplas mangueiras de densa folhagem.
Rua Idelfonso Albano:
esquivo e ruidoso, um prédio desponta na alameda sonâmbula.

AS VERDES ENCANTAÇÕES

Para José Santiago Naud

Nas fontes do vento o sopro da vida
transporta alvoradas pelas searas
e nos ranchos dos lagares adejam flores.
É o caminho da esperança
nas correntes de fluido:
acalanto de silêncio, sagração veloz.
Os rios de angústia decorrem nos cerros relvados
a veludosa esmeralda do oásis nas folhagens
e nos ermos do sonho ondula o tempo tecendo vendavais.
Mansa regulgência respira nos prados.
Álgida tarde irradia o frescor inefável,
aragens nas planícies além da unidade abissal,
asas de horizonte tecendo o exílio das altas constelações.
Nas estações do dia as árvores estão encantadas.
Na barra do capinzal o vasto incenso do nevoeiro...
Emergem nos domínios da beleza herdades de pura magia.
Os umbrais do espelho de Deus abrem-se às encruzilhadas,
além dos muros da fugacidade há o lábaro da crença,
íntimo sol dissolvido nos vazios transparentes.
Sagração veloz, prateada e límpida camada de ozônio
abre-se no panorama de alta distância.
Claras dimensões de esplêndido azul:
é a transfiguração do céu.
Alegria é alçar vôo ao reino da incandescência
no largo oceano de etérea vertigem,

além da enseada afagar as nuvens e pressentir o aroma do
[sonho.

Aldebarã, escarpa do imponderável, imensidade confluenta,
a vida canta e se esvai pelos meridianos flutuantes
em augúrios de amor, girando ao vento, nos soluços da tarde.
A espiral do poente transborda o doce eflúvio,
os haustos aéreos, auras de júbilo sobre o adusto meandro,
célebre céu em que o instante se desvenda
e as rosas das nascentes repousam.
Há favos nas leivas, seivas, sumos do oriente,
ambrosias, além dos confins do zênite,
mananciais no zéfiro das primícias do perfume,
A voz soluçante das águas desliza fria entre os penedos,
o relâmpago — implacável torrente,
prenuncia o tremor das latitudes.

DEFINIÇÃO DO AMIGO

A Natalício Barroso Filho

Amigo é claridade e fonte de sorriso,
é música da vitória entoada ao som dos arpejos eternos
da harmonia.

Força que abre os portais dos espaços
iluminando a fortuna suave da serena certeza.

Amigo é itinerário de liberdade e alívio no instante do

[martírio,

árvore plantada no futuro, pureza e calma na hora fraterna.

Estrada de alegria perpetuada na vastidão do tempo,

triunfo da luz nos santuários da beleza,

divindade antecipada no contentamento,

extravasamento da essência que reconforta o espírito exânime,

amigo é riqueza, transfiguração da palavra revelada,

a arte oracular rediviva no encontro,

ciência de viver inspirado em lucidez e ânimo,

perplexidade e salvação sob a égide dos dons benditos,

lenitivo de paz.

IDÍLIO

Ter-te nos braços e acariciar os trigaes veludosos
dos teus cabelos

Beijar teus doces lábios...

Eras a predileta, a favorita, a eleita,
musa e flor.

No paraíso das dunas,

quando a fina pluma das nuvens desenhava as mais puras
[imagens

na tela do horizonte,

tinhas medo e a tarde era suave.

O azul do mar enchia os nossos olhos de enlevos,
eu te dizia palavras de uma ternura tão envolvente
que respirávamos um lenitivo na paz das herdades.

Eras a mais encantadora,

a mais desejada e o vento entoava melodias.

A vida era um sonho de serenidade.

No paraíso das dunas...

Onde o reino de encantações e a quietude dos jardins agrestes?

Nos amplos domínios do mar,

no mirante do esplendor,

tudo era pureza.

O silêncio das nuvens dormitava no estuário do horizonte...

Eras a predileta, a favorita, a eleita

e o tempo decorria em calma translúcida.

ITINERÁRIO ROMÂNTICO

“Por longe que ande, estou perto.
Toda em ti me encontrarei”.

Cecília Meireles

Minha vida direcionei pelos teus passos e gestos
e hoje sou todo sensações.

Enfrento os temporais do círculo de fogo,
minha alma só pressente o teu mundo,
meu pensamento, transtornado de emoção,
vislumbra a imagem do teu semblante,
sonhando a expectativa da alegria.

Respiro no ar o teu perfume
— cheiro doce de maçã.

O ar é todo a tua presença.

O que tu dizes tem a melodia das canções do mar,
teus olhos sedutores — faróis do meu abandono
dissipando a névoa a que meu destino se entregou.
Não me fales da terra: hoje eu pertença aos astros.

Voando na paixão que o vento murmura,
já a minha sorte depende do teu sorriso.

A cidade canta o idílio dos pássaros
porque nos teus braços reclinei a vida.

Que podem as parcas e o fado
se tua lembrança eterniza o instante?

O TEU SORRISO

O teu sorriso é um pássaro das nuvens
voando em calma translúcida.
Bálsamo frugal, orvalho em tua pele
— pétala de leite e neve.
O teu sorriso — flor do amanhecer,
beijo suave de ventura na praia em que passeio nas tardes,
horizonte tranqüilo, jardim de silêncio e de afagos,
além do abismo, na ilha em que celebro a vida,
o teu silêncio é estrela de aroma claro,
criança em manhã cristalina,
madrugada de festa nos prados molhados de licores verdes,
espaço cingido de alegrias, remanso de águas,
fábula das areias na baía azul em que o sol crepita diamantes.
O teu sorriso é legenda de ternura, canteiro de paz,
pérola incendida entre espelhos, topázios, alabastros, orquídeas,
música de êxtase luzindo o teu sorriso,
ave lunar de nectário pressentimento.

ÉCLOGA

Saudade da esperança, febre de amor nas imagens,
abandonei-me ao degredo das ruas,
minha sombra alongada diante de mim.
Ao caminhar pelo jardim dissimulando súplicas
reviveu-se todo o meu antigo enlevo.
Quem sabe de onde nasce o encanto do êxtase emotivo?
Só sei que mal de amor é sem remédio
e minha vida tem sido uma noite de presságios sombrios.
Só sei que naquele parque havia qualquer coisa de
qualquer coisa que me deixou meditativo e lírico. [reminiscência.

PAISAGEM DE SOL

Vê como dançam no vento os coqueiros
e o sanhaçu festeja os esplendores
mergulhando no ar!
Claros lírios, fontes mansas,
a brisa respira luz.
Sonhos de horizonte no itinerário da praia.
Os domínios aéreos vertem vida nos canteiros,
há esperança no passeio das ondas aéreas,
o canto dos pássaros é todo amor.
Luz matinal de transparências e melodias,
ressonâncias de límpida cintilação,
estuários de aragem tangendo as nuvens.

JARDIM DAS ÁGUAS

Por tuas mãos pousadas sobre o poente,
pela noite que se aproxima e entristece o remanso dos deuses,
pelo desespero que aflige o pranto da esperança
pela desolação destas alamedas crepusculares,
que os beijos do êxtase desvendem os mistérios da penumbra
e a madrugada flutue nos teus itlierários.

Porque estranha ao mundo passeias entre as luzes da cidade
[hostil,

e andas pelos descaminhos da descrença
e o desalento escurece as nuvens dos teus dias,
porque o desatino e o desamor se fazem na hora da

[expectativa,

e porque amanhã é outono,
que o teu destino seja de ventura e plenitude
e colhas as flores no jardim das águas!

CÂNTICO

Tua voz encanta as alvoradas,
teu céu repleto de cânticos denuncia o vento.
No teu olhar existem límpidas transfigurações.
Silêncio de quando contemplas os canteiros do sonho,
o rosto voltado para os domínios aéreos.
És uma vertente de primaveras,
fonte de leveza vestida de brumas na solidão das tardes.
Quando falas o vento sussurra suavizante,
Teus sonhos iluminam ermos templos.
— brisa lunar suspirando ternuras!

CONVITE TRANSCENDENTAL

A Fernando Mendes Viana

Poeta, é preciso viajar no labirinto,
singrar os ímpetos do êxodo,
navegar na alta simetria,
romper os muros de ferro e passar além dos falsos caminhos
rumo à Polinésia de jardins submarinos.
Há clarões de etérea música no aéreo pélago insondável,
o império da noite floresce em faíscas
e o pássaro conturbado
sobrevoa as angras de Andrômeda.
Resistiremos ao degredo e enfrentaremos a procela,
no oásis do claro abismo
além da residência dos alcatrazes e dos fâmulos,
além das trincheiras, além dos patíbulo onde há apenas
[sereias
e vergéis de quartzo e gáveas de esmeralda.
Vamos ao reino de espavento onde o horizonte renovado
jorra silêncio no porto da imensidade.
Poeta, vamos perscrutar o marulho da solidão e o pasmo dos
[astros
além das sete espadas do martírio.
Tu que conjugas as sete liberdades do espírito indevassável,
ó hierofante heráldico,
tu que conheces a flama ígnea da flora dos penhascos,
conduze-me ao sidéreo escampo,
onde eu vislumbre os espectros da eternidade
Tenho ânsias de transcender a masmorra do tédio,

viajar no carrocel das miríades,
— lumes que fluem fluviais
dispersando espumas levitantes.
Viajaremos nas escunas do tempo,
ultrapassaremos o fulcro veloz da glacialidade,
além das estepes
no empíreo bebendo o néctar da perenidade,
vamos subir às altitudes infinitas,
velejando a esmo, sem âncoras, no ermo abismo
de ácidas arenas,
até à libertação imarcescível,
abrindo trilhas no carro luminoso da plenitude.

FLUTUAÇÕES NO OCEANO NOTURNO DE ANTERO

Conturbado de ânsias o poeta entrega-se à noite,
último refúgio em que o sensível dos sonhos
se estraçalha nos tormentos puros.
Sobressaltado entre as devesas das jornadas de pavor
o arrebatamento o desespera
e o pasmo de resvalar nos abismos em combates de luz,
impossivelmente, no seu estro visionário e sequioso de infinitos,
dispersa a intuição de paz e alívio na seara dos dias de terror.
Ressuma, exala-se, inexorável, a flama inaudita,
páramos refertos de perjúrio entre queixas,
promessas de luz a que o espírito anela
erram na beleza que esmaece nos longes de formas perecíveis.
O poeta desolado irmana-se aos desgraçados, aos aniquilados,
na febre que a noite escalda em sua lívida fronte.
Para compreender tão lúcido e inconsolável ideal
é preciso descer às cavernas em que se empenharam as
[venturas do mundo
e fazer ressurgir em susto e descrença a face fulgurante
[e amortalhada
da fúria maldita.
Mergulhar no áspero silêncio é ser deserdado e vagabundo
à porta das ostentações insidiosas.
E se a esperança explode o pensamento emergindo as larvas
do cristalino porvir, Antero abraçado à idéia que paira
[imortalizada
na amplidão, recolheu na noite terrível o bálsamo dos
[ardentes desvarios.

Ante o turbilhão das hostilidades,
o Não-Ser, místico romper dos clarões,
infunde no Ser a grande paz em que a noite transcende o
[século,
oceano de fantasmas em tumulto agitando-se.
Voragem de vaporosos espectros, ressoa no inconsciente a
[libertação
que macera o fervor.
Visões do limbo, consciência imortal, lançar dos penhascos
o torturado tormento, apascentando as torrentes da paixão
e unido ao rutilante Ser Absoluto,
na mágoa de um extremo grito, para sempre libertar-se
da putrescível carcassa temporária!

REVOLUÇÃO

Hoje que o direito é subtraído e a justiça escandalizada,
e a vaidade forja arrogâncias, discriminações,
e a miséria se alastra em favelas.

Hoje que há fome, torturas, assassinatos pelo mundo inteiro,
e as bocas caladas a ferro e estilhaços já não clamam ante o
[pânico

e a iminência do holocausto,
é que chegou a hora do socialismo universal,
a hora de redimir os exploradores, injustiçados,
mendigos e torturados dos manicômios
e todas as vítimas da força bruta dos tiranos.
Chegou a hora de libertar os massacrados,
exterminar o barbarismo e a vileza,
libertar os homens da violência
libertar os humilhados pelos os grilhões da infâmia,
os espancados nos covis da perversidade.

Agora que os lavradores estão sem terra,
que a vida foi comprada e que foram fechadas as portas do
[protesto,

agora que o pânico dos reatores ameaça a paz das noites,
que a hecatombe incita o medo, o espanto,
a expectativa e os gritos de raiva e os falsos argumentos,
e o banho de sangue explodem com as armas do morticínio
agora que os donos do mundo vergastam ferozmente os
[indefesos,

ante a iminência da catástrofe,
chegou a hora de libertar os desgraçados do antro de mentiras,
chegou a hora de salvar os perdidos,

traídos pela segregação das raças, desesperados pelo rancor,
hostilizados em classes inimigas.
Chegou a hora do socialismo espiritual.
Hoje que os fascínoras se despedaçam contra o aço do ódio,
resvalando em podridões de autoritarismo,
hoje que as crianças imploram migalhas
e os marginais se lançam nos abismos
e as armas estão engatilhadas,
chegou a hora da palavra certa, do pensamento certo, da
[atitude certa.
É hora do socialismo espiritual.

HINOS PELA IGUALDADE

I

Lá vem o exército de esfarrapados, raquíticos, estropiados,
decadentes e maltrapilhos.
Eles vêm com seus molambos se arrastando pelas sargetas,
famintos e desesperados,
armados apenas da miséria com que deliram,
marginais alucinados.
Seus olhares extraterrenos
— imigrantes do submundo subterrâneo,
assistem o desfile de modas e o conjunto de música estridente.
Aleijados, deserdados, sujos (o mal cheiro incomoda)
carregam seus fardos de lixo.
Lá vêm os cadavéricos, trôpegos, embriagados de fome,
assustadoras fisionomias olhando o grupo de jovens tocando
[guitarras,
amontoados junto ao bar onde há um desfile de modas.
Olham um instante e seguem indiferentes
à música barulhenta e às roupas coloridas das pernas que
[passam.
Lá vêm os indigentes, mendigos, esmolando o que lhes pertence.
A imensa legião de proscritos a quem foi negado o direito
ao conforto, ao trabalho, à esperança.

II

Chegou a hora da libertação,
chegou a hora da vitória dos humilhados.

É a revolução dos injustiçados
É a luta pelo salário justo,
pela igualdade fraterna,
é a conquista dos oprimidos.
Os tiranos já não podem contra os que estão livres.
A violência não destrói aquele que vence a morte.
Chegou a hora da união entre os homens:
Todos irmãos, fortes e invencíveis!

PERSPECTIVA MATINAL

Fortaleza esplende júbilo na manhã de sol:
úmido calor abrasa os corpos em trânsito,
estremecem as folhas verdes do jardim,
realça nas calçadas o vermelho das papoulas e dos
[flamboyans.

Sobre as ruas uma poeira fina
quando passam os pneus: o barulho dos motores
é um grito de desespero,
o povo que passa — gado sem destino,
faminto, martirizado...
Entre o verde das folhagens, o córrego poluído vaza...
A boiada humana segue...
Esfarrapados, estropiados, cegos, raquíticos...
A multidão de miseráveis
se arrasta em volta da catedral.

HERANÇA

A beleza do mundo se reduziu a um desgosto inusitado.
Outrora eu andava nas ruas encantadas,
a vida me sorria e os poetas eram generosos e martirizados.
Hoje o amargor dos dias me oprime
e nem os paraísos artificiais, nem o oriente místico,
nem as visões do Blake, nem a sordidez do Genet,
nada supre essa ânsia de ser transportado em êxtases,
ah, o meu impossível sonho de infinitudes,
meu desespero de plenitude e o travo desses dias.
Outrora as flores e os abismos,
a tarde suave e a emoção derramavam perfumes.
Outrora os poetas sonhavam
na luz crepuscular, nas tardes invernais,
os visionários atravessavam labirintos,
ansiosos de luz e sonhos alcandorados,
os heróis enfrentavam armadilhas, bebiam ópios no asilo
[das torres,
Wilde, Rimbaud, Sá Carneiro, Lautréamont, Baudelaire,
admirava-lhes a inquietude dos demônios íntimos,
a maldição contrita das alucinações
eu era também um anacoreta inconsolável
e viajava com eles pelos clarões das planícies prateadas,
nas regiões de júbilo, oásis de cristal e açudes de candelabros!
Hoje herdei a saudade, o tormento, o desespero que era deles.

E a beleza do mundo se reduziu aos tremedais e às vozes
[amarguradas
e a tristeza deles hoje é minha.
Carrego como herança o fardo sentimental dos poetas!
Carlyle, Vinícius, Jáder, Jorge de Lima,
carrego os seus sonhos pelos caminhos em que me aventuro.

FICÇÕES

Os homens consideram real a parafernália que os sentidos
[percebem.

Papéis timbrados, telefones, máquinas,
pensam que tais risíveis sombras têm existência real.

Automóveis, cidades, salas repletas de mesas, cadeiras,
corredores, sinagogas...

Os homens tropeçam na imagem dos objetos. aflitos diante
de tais fantasmas,
vivem desconsolados

porque pensam que as enfiteuses, os pecúlios,
as debêntures são coisas reais.

Ferramentas, grampeadores, calendários, arquivos... coisas
[reais...

HEBDOMADÁRIO DE PENITÊNCIAS

Segunda-feira:

A chuva tem sabor de desolação
e o asfalto molhado faz a vida decorrer entre cansaços e medos.
a incerteza deste tempo estraga os nervos da gente.
Assalta-me um desejo de mosteiro, de floresta,
qualquer lugar onde não haja funcionalismo público,
qualquer espaço onde não haja este precipício de combates.

Terça-feira:

Passei o dia numa sala com ar condicionado,
tenho as fezes presas no intestino, arde-me a faringe,
passei o dia arrumando papéis,
doi-me o corpo, tenho as pálpebras pesadas.

Quarta-feira:

Sensação de miséria me fez evocar saudades,
Emoção vista com lupa pelos fiscais do destino,
a sorte lançada numa mesa de patrões e capatazes.
Vontade oprimida pelo despotismo dos dias atormentados.
Ando anacrônico, aturdido de atribulações.

Quinta-feira:

Todos os dias ponho a cabeça na boca do dragão,
híbrido de pantera e medusa, todos os dias ponho a cabeça
na boca de tal monstro.
Já não me esquivo de suas garras.

Sábado:

Ao contrário dos outros dias
que são vermelhos e cinzas,
o sábado é branco, translucidamente branco.
Árvores verdes, céu azul,
mas o dia é branco, o dia transmite uma nostalgia branca,
o dia é monotonamente branco.

Domingo:

Perguntei à cidade o que fiz da minha vida:
olhei em torno e só vi blocos, quadras e pessoas com pressa.
Os carros cortavam velozmente os espaços,
Ninguém soube o que fazer da vida
e o mundo estava perdido como eu.
O que foi feito de mim, perguntei ao sol
e o sol mostrou-me o lago e o paredão distante do cerrado.

LABIRINTO

Vivo miserando carpidações
encarcerado na jaula em meio a coorte de pílios histriões.
Mas ninguém há de roubar-me a esperança e ao menos resta
desta fecal torre de irrisórias patifarias
o altar de pedras que construo além deste sumidouro.
Entre destroços, guerras, adversidades, percalços,
guardo um tesouro inviolável.

O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO

O MAR

A Artur Eduardo Benevides

O mar borbulha, brilha na enseada
de topázios diluídos.
Cachoeira de eclosões procelosas,
retroa, verte os cântaros,
ruge represado e estronda sobre os rochedos.
Escuto a efusão que estruge,
as ondas derramam euforias,
lavando as almas,
espantando a tristeza.
Ruidosa chuva, chove sobre as ravinas,
singra torrencial essência dissolvendo os minutos,
fascina a imensidão, azula os recantos,
energiza as pedras em transe de volição e verve.
Na planície turbilhando colorações,
bramindo em caldeiras sucessivas,
estuando música, o mar se arrebatava,
alastrando as espumas na praia.

PASSEIO BUCÓLICO

A Mário F. Gomes

Caminho tranqüilo na manhã de paz.
À sombra dos cajueiros escuto as aves
e o latido de um cachorro.
Os canários pousados no quintal da minha vida
enchendo de pureza a manhã ensolarada.
Caminho pisando os gravetos ressequidos,
as borboletas brincam,
correm pequenos répteis,
formigas devoram galhos.
A brisa suave refresca meu rosto.
Minha riqueza é esse passeio
conversando com as árvores, os passarinhos,
respirando a felicidade.

MEIO-DIA

O mar espuma sob a cabeleira das nuvens.
A carruagem nebulosa e diluída
segue além do espelho das areias.
Esvoaça na crosta das ondas.
Lavo os pulmões na cadência burbulhante do espaço.
Volúveis, as dunas evoluem,
sinuosas no labor do tempo.
Seqüência corrosiva de tudo.
Infinita hora, momento sutil,
vasto segredo...

O VENTO

Vem de Deus a luz do vento,
seiva e sopro do repouso,
harmoniza o pensamento.
As ondas arrastam folhas,
livre, leve sentimento,
acariciando essas flores,
vem trazendo alumbramento.
Da infinita natureza
recebemos alimento
respiração de Deus: o vento.
Vibração universal,
a vida pertence ao vento:
fonte eterna, paraíso,
perplexidade, momento,
maravilha sideral.
Pelo compadecimento,
o prazer, suave alento,
espargindo um festival,
vem circulando no vento.

Vento, purifica meu espírito,
expulsa o mal pelo poder do bem.
Lava de vida o meu ser,
varre o que estiver errado
e escreve o certo: a verdade.

O SOL PLENO DE VIDA

O viajante contempla a vastidão da natureza.
Cantam os pássaros e murmuram os deuses vegetais.
E, na manhã, a serra resplandece
em vibrações, harmonias,
e desenham-se castelos de nuvens no céu translúcido.
O peregrino estende o olhar
ao longo das imensidades verdes.
Pervaga pelo horizonte a visão da distância,
nos quintais os coqueiros acenam adeuses ao vento.
A claridade do dia é um apelo à meditação,
os telhados matizados do tempo são melancólicos.
Também a vida se transforma
pela persistência dos anos.
O viajante da solidão deixa-se consolar
à sombra dos pensamentos.

Viçosa do Ceará, 11 de outubro de 1980.

O SOL

O sol clareia a consciência,
brilha no espelho das águas,
é a memória da perenidade.
Tudo se nutre do hábito radiante do seu fulgor
— irradiação transparente de alegria.
Ilumina as dunas, desenha sobre a relva rastros de beleza.
O dia é calmo pela estrada florida.
Quando se expande o domínio da natureza,
o sol destila no ar a bênção dos eflúvios,
derrama a força dinâmica das oferendas,
revigora-nos com seu sorriso de harmonia,
gerando a realidade, a bem-aventurança,
o poder ressuscitador.
Astro soberano,
Eterno Pai,
supremo em seus desígnios,
vem trazendo à terra o benefício da vida,
o milagre da Luz.

OCEANO DE PUREZA

A Mellilo Moreira de Mello

Abro a janela para o tempo eterno.
Essas candeias vêm anunciando a luz no firmamento.
É a claridade limpa de Deus,
o brilho cristalino da eternidade.
O cintilar das estrelas. Como é bom senti-las!
Eu sinto os raios benéficos jorrando vida.
São mensageiros da sempre aurora acesa no espaço.
Sentinelas da lucidez,
faróis de orientação,
são os poetas discípulos de Jesus
acendendo fachos no céu.
Estrelas luzindo no nebuloso templo do tempo,
penetrando o véu da compreensão, revelando
a verdade.
São os poetas, herdeiros do amanhecer,
vivendo no equilíbrio.
De minha janela vejo o panorama do infinito.
Os astros rutilantes trilham maravilhas:
é a falange divina projetada no espaço.
Resplandece o brilho constelado da imensidão.

CREPÚSCULO

A Joaquim Inojosa

As constelações acendem seus archotes.
Momento de consagração: um manto de sombra
envolve o planeta.
Tarde de amavios, mansuetude,
chegam as primeiras frestas:
fagulhas, lumes, fachos, tochas,
transparências límpidas,
esbraseia o cântico maior.
No firmamento estão os espíritos divinos,
lampejam guiando meus passos.
Vejo a fonte do sigilo,
firo a lira do idílio
e tudo se transfigura.
Velejo em ressonâncias,
tudo se rende aos pés da serenidade.
O pôr-do-sol dissipa devaneios, extasia os meus sentidos
espalha orações no horizonte,
harmonia dourada, vermelhos fogos,
refrigério de alento sobre as coisas.
Quero ser sempre digno das emanções destes anjos.
Fontes atrativas do esplendor,
chuva mansa fluindo seres imortais.

ASSIM SEJA

No cristal desenho da cruz.
O Eu se ilumina,
o som das harpas penetra os umbrais do átrium.
Cultivo a aura das coisas, a energia cósmica,
a intuição das mentes.
Reverencio o sanctum dos espíritos ancestrais.
Penso nas hostes do cósmico,
no controle sísmico da paz.
O fogo das velas é luz que lava o lustre da alma.
O leste revela o espaço translúcido.
Preencho a alma de riquezas
e digo: Luz, Vida, Amor.

O ANJO LUNAR

A Homero Homem

A lua acende o semblante azul do litoral,
Seu lume é o clarão da alma.
É a lâmpada que enleva a sina dos andarilhos
e magnetiza-me dos compassivos raios da alvorada.
Desperta o divino afã,
levando aos escombros o vôo dos medos.
Reina sobre os entes vivos,
envolve-me nos mantos da suavidade,
acolhe os itinerantes.
A lua instila ternuras evanescentes
e permanece transluzindo júbilos,
desenhando o rastro de emanções.
Vigilante clareza,
consagra-me à esfinge dos signos marítimos,
aura despontada no nascente,
cingindo o arco-íris,
brotando a fragância do êxtase.
Flameja o lampadário sobre a neblina
e veleja como um cisne de seda.
Hóstia de jasmim, lírio compacto germinando,
a lua é quem me anima a enfrentar os vendavais.

APRENDENDO A VIVER

Alegram-me os pomos da aurora.
Conheço a magnitude das profusões,
a austeridade que anuncia a satisfação do mundo.
A vida projeta silêncios que suporte.
Quero repousar depois das emoções,
a alma lânguida em liberdade.
Viajo no país do conhecimento,
acordo no sítio da beleza:
tudo é lindo na estância do sol.
Tudo é tranqüilo na seara da distância.
Sei andar pelos jardins em peregrinação.
Caminho na convicção da liberdade.
É madrugada. Minhas narinas aspiram
o perfume bom da brisa.

MEDITAÇÃO

Na alvorada de sua devoção Jesus Cristo peregrina,
fitando a messe,
as veredas, os vales,
os campos de mirra,
os lírios na vertente, os horizontes.
Vindimando as uvas, colhendo os figos,
passeia entre os canteiros, no pomar.
Sua imagem enche a terra de alegria
e a manhã se faz tranqüila.
A planície vai além dos confins da Palestina.
Marulha o Mediterrâneo nas praias.
Um bálsamo de amor suaviza as fontes,
um óvalo de luz clareia as águas
e orvalha de perfume a natureza.

O JARDIM DOS ENCANTOS

Olhar a luz por entre as sombras
na quietude do momento.
Voar além, por sobre o abismo,
fluir na paz e no silêncio,
bebendo o bálsamo do vento.
Olhar a placidez das brumas,
o vapor livre das espumas,
na aragem fresca dos açudes.
Ser como as pedras, no remanso
do rio calmo e sonolento.
Contornar os precipícios ouvindo os pássaros,
sentir a luz plena do dia,
o sol lavando o rosto dos bosques.
Voar pelas torrentes de alegria,
como as flores brancas.
Viajar nos matizes das borboletas,
flutuar, ser leve, à serenidade
das margens do córrego,
escutando as cantilenas da floresta,
contemplando a oscilação dos galhos,
o tumulto das folhas,
as águas fervilhantes,
os algodoeiros vaporosos,
os arbustos despertados,
e deslizar o olhar sobre a folhagem tremulante.

DETERMINAÇÃO

Hei de vencer pela pujança dos meus nervos,
direi as palavras verdadeiras, persistentes,
em busca da firmeza.

Cumprindo meu trabalho, amando meu semelhante,
estou seguro no aconchego dos pensamentos.

Cuidadoso, atento, desperto, alerta,
caminho pela estrada da simplicidade,
cultivando minha esperança e minha vida.

Sei que vale o sacrifício da luta de ser forte
e enfrentar os perversos

e ensinar aos tristes a vida plena de amor.

Não estou só: a música me encanta e me acalma.

Integro-me na música — minha libertação.

Agora que renasço no sereno alvorecer,
estou triunfando e me liberto.

Ando guarnecido nas fontes da fraternidade.

Nada mudará a direção do meu vôo
porque eu sigo para as alturas.

O IMPERECÍVEL

Quem age em santidade vê o mundo vivo.
Aprende os puros pensamentos.
O amor floresce na meditação.
Deixa fluir a ausência de desejos.
A hora extravassa em harmonia,
manifesta a paz do imperecível.

O INVERNO

A Nirton Venâncio

As árvores estão pensativas na tarde molhada.
O inverno gelou o coração dos viajantes
e vem a brisa trazendo uma frieza de nostalgia.
Que beleza ver as folhas orvalhadas!
Como meus olhos se agradam
na alegria das palmeiras.
A paisagem verdejante se espraia no horizonte.
Mergulho os arredores no oceano da alma.
Crepúsculo do dia.
Hora meditativa.
Depois da chuva o chão adornado de acalantos,
areia molhada de brisa.
A terra ficou lavada pelo bálsamo da natureza.
Virá o tempo da colheita,
tempo de florescer.

O EREMITA

O silêncio é a mensagem das estrelas:
a fonte do absoluto.

As nascentes anelam, o arco-íris
é a lâmpada dos signos no horizonte.

O eremita deixa-se tranqüilo:
logo mergulhará no infinito.

Ouve os passos da procissão das entidades,
extasiado na dimensão das constelações.

Do altar, por entre as chamas dos turíbulos,
mira as nuvens, os arrozais ondulantes,
a planície luminosa, a claridade da fonte
de águas límpidas.

Da seara dos cálices florais,
adentra os bosques por entre as montanhas,
na quietude dos arraiais do mosteiro.

O aroma das essências, os arbustos,
afáveis sopros da tarde e seus moinhos.

Vislumbra a paisagem!

Pelas teias do céu conhece o tempo em que flora
a misteriosa excelência.

Sorve a taça do supremo dos templos.

As ressonâncias difusas,
os rios, as teias circulares
pulsam na cadência do universo.

Os silêncios rodopiam velozes
no âmago do repleto vazio:
sereno de linhas diluídas, calma feita
de concentração.
A espiral viva dos redemoinhos, suavidade.
Tudo se esvai nos contornos da hora.

ÊXODO

A Sérgio Faro

Quando a relva se encrespa do arrepio do vento
a minha alma toda se punge do murmúrio do espaço,
do perfume áspero da terra
e eu tomo um banho de alegria.
Ando imaginando a poesia que vem
com seus braços de mistério
e caminho para a fonte do amor.
As aventuras são os passeios sentimentais
e a emoção é um afeto simples diante das imagens
da tarde estremecida...
Caminho para o tempo das dádivas,
dos anelos cotidianos
e vou repousar no estuário do horizonte.
Acompanho o lençol das madrugadas
e sou feliz pela prudência dos meus rituais,
pela obediência com que amo as coisas eternas,
pela minha ânsia de humildade.

INSPIRAÇÃO

A Mário da Silva Brito

Água azul, céu de bonança,
inunda meu sentimento:
Oceano de onda mansa
na melodia do vento.

Num momento de alegria,
sereno, benevolência,
a vida na flor do dia
pede ao mundo complacência.

Tarde linda se eterniza.
Mira as nuvens meu olhar,
passeio bebendo brisa
pelo parque à beira-mar.

Peça à vida inspiração.
Riso, amor, flores, ventura,
sombra e luz, sol de verão,
orvalho na manhã pura.

NOTURNO DO RIO DE JANEIRO

A José Alcides Pinto

Atravesso os túneis
e o tumulto fervilhante dos transeuntes.
Observo as velozes viaturas
deslizando sobre o plano escuro do asfalto,
rugindo máquinas no autorama dos viadutos.
Vislumbro a orla marítima pontilhada de luzes,
fluxo palpitante de vida, cintilando rotativos faróis,
automóveis cortando a noite.
Água a renovar de brisa o perímetro das artérias.
Da janela do ônibus revejo o cenário comovente:
a transfiguração da paisagem.
Rio de Janeiro, atendo ao chamado do teu ritmo:
percurso voraz da sensação,
tráfego turbulento.
Satisfaço-me contemplando a volante fruição.
A nave dos idílios na gávea
dos teus respiradouros.
Vejo a linha costeira de lustres e cristais
irradiando o fulgurar das centelhas,
arrebataando meu alento íntimo.
A ponte é um rosário incrustado de rubis,
um carrossel faiscante.
As colinas nubladas de cerração.
Vento fino gelando minha face,
névoa do anoitecer lavando minhas pálpebras:
consterna-me afastar o olhar do teu relevo enternecedor.

Rio, agosto de 1983.

PROFISSÃO-DE-FÉ

Libertar os ultrajados das cidades e dos campos
os que não têm lar nem alimento.
Pedir pelos que suplicam,
cuidar dos enfêrmos e alimentar os famintos.
Unamos nossas vidas.
Só o amor pode plantar a esperança
nas mãos do medo.
Irmãos de todos os continentes,
o mundo precisa de paz.
É hora de cessar todos os conflitos
e anular as armas.
Extinguir toda a injustiça, toda a exploração.
E mostrar aos opressores o sentido da fraternidade.
Limpar do mundo a indigência, a mendicância.
Expulsar a tirania e trazer aos homens a liberdade.
É tempo de seguir o novo itinerário:
liberdade — janela aberta no caminho do amor.

BRASÍLIA

Simetria de prédios que desenham uma muralha,
barragem da plataforma transparente.

As árvores são de um verde vertiginoso:
bosques riscados de asfalto,
de quadriláteros entrecortados de viadutos.
Quadrângulos de concreto.

VIDA

A Ralph M. Lewis

Existe vida em santuários inorgânicos,
no transporte dos raios gravitacionais,
na estratosfera vibram átomos dinâmicos
e o espírito estremece em frequências astrais.

Tudo retorna à essência em espirais:
a cor sonora vibra nos teclados químicos,
tudo converge para as fontes naturais.
Efervescentes fluidos, elétrons anímicos.

Existe vida no plasma das latitudes.
Paira no espaço a substância da matéria,
o fluxo celular de ondulação etérea.

E os raios do universo em celestiais alturas,
ressoam seus harpejos de efusão sidérea,
magnetizando a luz das colossais planuras.

DEVOÇÃO

Por ele é que gorjeiam as aves na tarde
e o sol rutila sobre o arado
da Colina de Govardhana
e por sobre a arena das dinastias.
Por sua misericórdia as coisas fluem,
alegram-se as entidades vivas.
Do seu monastério às margens do Ganges
Krishna saboreia os passatempos em êxtase,
mitigando todas as ansiedades.
Um rio flui do seu rosto de luar.
Sua flauta derrama o fluido de néctar
— poeira de neve em seus pés de lótus.
Como é saboroso o mel das flores
santificadas por sua beleza
eterna e transcendental
repleta de bem-aventurança.

NOITE

A rua está deserta, as casas dormem;
lâmpadas a luzir, nenhum vivente
surge pelos jardins ou nos terraços,
nas calçadas desertas deste bairro.

A noite silenciosa envolve tudo:
os muros, as vidraças e os telhados,
as plantas escutando o som dos grilos,
rumor de carros quebrando a quietude.

O vento a murmurar dentro da noite
balança os galhos da castanholeira,
na hora de secreta soturnez.

Contemplo a celestial parede aérea,
e além dos pântanos de sombra imóvel,
o pulsar dos losangos translativos.

TEMPO

O Tempo: expressão da reta infinita.
Altar de espuma e névoa divagando,
áurea chama de suave lenitivo.

Reino feliz com luz resplandecendo.
Vigília dos ermos e ressonâncias.
Bálsamo de marés imaginárias.
Festa perene, sopros perfumantes,
habitação real de amplo mistério.

Tocha cotidiana: aurora e relâmpago,
mergulho claro azul, murmúrio manso.
Silêncios primaveris e fragrâncias.

Divindade de cores transluzentes.
Dimensão fulgurante de remansos,
floração de mistérios e excelências.

1.º DE MAIO

A Plínio Doyle

Transcorre hoje o dia do trabalho.
Cada operário exerce o seu papel,
tem o ignaro da escultura o malho
e o sábio tem apenas o cinzel.

O lavrador cultiva alface e alhos,
o cavaleiro atrela o seu corcel,
eu tento me evadir por sete atalhos,
levando a vida como menestrel.

Uns cantem de discórdia o enxovalho,
o dedo em riste, a ostentar o anel,
lançando a nossa sorte num baralho.

Eu edifico um grande arranha-céu
e pelo mundo a luz do amor espalho,
vencendo a morte em todo o seu tropel.

AVE

Porque fiquei voando em seu carinho,
bebendo gestos de ternura e calma,
cantei uma canção de passarinho,
iluminando de emoções a alma.

Eu que só vejo pedras no caminho,
fico cantando nos bosques do amor.
Seu claro corpo é como um belo ninho,
alimentando o colibri da flor.

Bebo o aroma do néctar nos quintais,
sonho jardins de luz entre os canteiros,
sou cantor da beleza entre os pardais.

Voando nos seus olhos feiticeiros,
clareio a senda dos meus rituais,
são eles dois faróis, são dois luzeiros.

ESTRELA

Pensando em ti minha alma se conduz
para o mundo encantado da harmonia,
onde tu vives toda envolta em luz,
a luz tão pura que o sol irradia.

Quando a vida pesar como uma cruz
que devo suportar por algum dia,
virá, como um milagre de Jesus,
depois da tempestade, a calmaria.

Se quero nos teus olhos ver os meus,
como do sol precisa a humanidade,
se podes nos meus olhos ver os teus,

vivamos sempre firmes na verdade,
unidos na certeza ao grande Deus,
e aos anjos, pelo céu, na eternidade.

PRINCESA

A Cecília

Pensando em teu olhar de claro céu,
minha lembrança segue pelo espaço.
Teu vulto surge num dourado véu
e escuto a brisa leve do teu passo.

Luar de silêncio, verde vergel,
vejo na imagem que no sonho faço.
O teu sorriso tem sabor de mel
e pode apascentar todo cansaço.

Sofrendo esta saudade e a esperança,
só te esperar na vida é minha crença
e o meu amor de te esperar não cansa.

E desde já, preparo a festa imensa
para adorar-te assim feito criança,
beijando as flores da tua presença.

CANTO EM FORMA DE ORAÇÃO

A Nicodemus Araújo

Pai nosso que no céu vos encontrais,
santificado o vosso nome esteja.
Dai-nos o puro reino uma vez mais,
Vossa vontade sempre feita seja.

Queremos o pão com que mitigais
a fome que este dia então enseja,
dai-nos a bondade com que perdoais
nossas ofensas na doida peleja.

Não nos deixeis em tentação jamais
cair, no mal que sem querer se faz.
E abençoai-nos em nome do Pai,

do vosso Filho, do Espírito Santo,
cobri-nos com vosso sagrado manto
e recebei a oração deste canto.

O EXEMPLO DA PEDRA

Imersa na solidez consistente.
Sentindo a infinitude sem idade,
posta em secreta rigidez latente,
a pedra mostra sua integridade.

Ante a fruição da animalidade
que anda no alvoroço incoerente,
observa a orgânica fragilidade
e no silêncio jaz indiferente.

Dureza imóvel, ríspida, encantada,
aceita a sorte com serenidade,
livre do medo e da fatalidade.

Se o vento sopra pela imensidade
ela reconhece a necessidade
de se sentir em pó transfigurada.

FRATERNIDADE

A Jarbas Júnior

Quando em sombras se turvam os caminhos,
nos momentos difíceis de aflição,
recebemos o alívio do carinho
e o auxílio sagrado de um irmão.

Se vier da tristeza o torvelinho,
é preciso enfrentar a provação.
Quanto mais me maltratam os espinhos,
mais de perto eu vislumbro a perfeição.

Aprecio a fiel misericórdia
dos profetas cantores da beleza,
na piedosa mensagem da concórdia.

Da virtude se tenho a chama acesa,
transformando em amor toda discórdia,
seja a fé meu reduto e fortaleza.

ANUNCIAÇÃO

Ao Mestre Raimundo Monteiro de Sousa

Erguendo os alicerces da confiança,
construo um monumento à dignidade.
O trono do porvir e da esperança
ao rei da paz e da fraternidade.

Celebro a festa da grande vitória:
os inimigos todos dando as mãos,
na redenção maior de nossa história,
todos iguais, no amor, todos irmãos.

Floresce o amanhecer da primavera:
já vem o mundo que o justo procura,
já vem o tempo que o meu sonho espera.

A força da verdade nesta esfera
trará um anjo da infinita altura,
cobrindo a terra de luz e ternura.

NATUREZA

A Vicente de Paula Gifoni Filho

Desabrocha a rosa estival dos ventos,
o arvoredo vibra serenidade,
as nuvens fluem seus caminhos lentos,
respira a brisa plena claridade.

Erguem-se os montes e os bosques florais,
ornamentando as lagunas e os campos,
ondulam na planície os capinzais,
cintilam na floresta os pirilampos.

Agradecendo a Deus por mais um dia,
as flores brilham de contentamento
e o bem-te-vi canta com alegria.

Recendem cravos, rosas e alfazemas
e um céu azul se vê no firmamento,
glorificando as criações supremas.

ENERGIA UNIVERSAL

Energia volátil — fluido e plasma
que purifica a substância mental,
é o fogo cristalino que espalha
pelo tempo a natureza imortal.

Energia criadora universal,
origem do horizonte dos eventos,
instila o amor nas torrentes do astral,
soprando a vida no vapor dos ventos.

A alma, que é divindade em essência,
vitaliza as moléculas orgânicas,
Força vital vibrando alta frequência.

E as células, nutridas de plangência,
são borbulhantes quais lavas vulcânicas,
manifestando a glória da existência.

Composto e impresso na
REAL RIO GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Rua Aristides Lobo, 106 - Tel. 273-9848 - Rio Comprido - RJ